

**IMPrensa**  
**RAMON ALVARADO**

## **O CINEMA ALTERNATIVO CARIOCA**



# **RAMON ALVARADO**

## **IMPrensa**

“Breve história do cinema amador no Espírito Santo”, Paulo Eduardo Torre, Jornal da Semana (Vitória, ES), Suplemento de O DEBATE, 16 a 23 de dezembro de 1968.

A breve história do cinema amador no Espírito Santo é semelhante a quase todas as histórias de iniciativas artísticas neste Estado. Tem um breve período de glória, mantida a chama pelo entusiasmo de seus componentes, e logo após os melhores elementos vão para centros maiores e outros abandonam. Perde, assim, o Espírito Santo a sua chance de desenvolver-se, de despertar a atenção pela cultura, pela arte. Exporta elementos de valor, ao invés de importar. De 1965 a 1967, foram produzidos cerca de doze filmes de curta metragem em Vitória. Todos eles apresentam defeitos técnicos de iluminação, montagem, som, etc., e foram pagos por particulares interessados em desenvolver a cultura em seu Estado, que tiraram do seu próprio bolso alguns milhares de cruzeiros e entregaram a alguns jovens para que eles os queimassem em rolos de filmes. Entre esses bravos incentivadores do cinema amador, que hoje já não existe, estão José Carlos Monjardim Cavalcanti, Rubens de Freitas Rocha e Roberto Newman. É claro, para um indivíduo mediano, é realmente uma loucura dar-se trezentos, quatrocentos contos (que dão para poucos minutos de filme) para que “uns rapazes com ideias estranhas façam filmes estranhos onde a pátria, Deus e a família não são tratados com o respeito costumeiro”.

Indecisão

Em 1965, ressurgiu o Cine-Clube Alvorada, empolgado por uma mentalidade cinemanovista que começava a se espalhar por todo o País. Lá, vários jovens se reuniam todos os sábados para assistirem filmes de arte. Desde o insólito “Blinka”, de Pabst, até o mais simples “Mon Oncle”, de Tati, passando pela trilogia de Antonioni e o início do neo-realismo com Rossellini. Havia debates e durante um deles, um rapaz branco, magro, nervoso e de óculos de lentes garrafais (Ramon Alvarado) conheceu Rubens de Freitas Rocha, que tinha rolos de filmes e uma câmara Paillard Bolex. Nascia “Indecisão”, que virou mito no círculo especializado. Tomou parte no filme quase todo o pessoal do cine-club, mas Cláudio Lachini e Zélia Stein eram os intérpretes (a intérprete principal era Mirian Calmon – Zélia era coadjuvante). “Indecisão” demorou um ano para ser realizado. Foi exibido em agosto de 1966, na sede do Clube do Estudante Universitário, para o “pessoal do enterro” de então. Apesar de prejudicado pela fotografia, “Indecisão” oferece imagens irretocáveis e pelo menos uma brilhante: a de Lachini sujando o rosto de Mirian Calmon com graxa, em cores. Foi malhado pelos quatro cantos da “inteligentzia” capixaba. Ramon, desanimado, ficou vários meses sem pegar na câmara, enquanto “Indecisão” era desclassificado no II Festival do Jornal do Brasil.

#### A onda de filmes

Porém, isso era por pouco tempo. Antonio Carlos Neves já havia voltado de Brasília, onde estudava cinema. Fez dois curtas-metragens, “A Primeira Revolta” e “No Meio do Caminho”, que por defeitos técnicos não chegaram sequer a ser montados. Eu próprio fiz minha experiência cinematográfica, mal realizada, com “A Queda”. E com isso, criou-se uma mentalidade de arte jovem em 1966-67. Toninho fazia bastante sucesso com seu grupo de teatro Geração, com “Zumbi”, e eu fazia duas

experiências pretensiosas com peças de Sartre, como muito bem classificou Oswaldo Oleari, em comentário de A Gazeta, a respeito de “Entre Quatro Paredes”. 1967 foi o ano de ouro do cinema amador. Toninho começou “Boa Sorte Palhaço”, com Milton Henriques, mas parou as filmagens no meio. Lembro-me que ele ficou furioso comigo quando contou o roteiro e eu lhe disse que “Boa Sorte” era tremendamente influenciado pelo filme tcheco. Quando veio de Brasília estava empolgado pelo cinema político. Pouco a pouco modificou-se e passou a pensar em estética, para, afinal, com “Veia Partida”, fazer um cinema imediatamente pessoal, quando colocava para fora suas obsessões. Já Ramon era um tipo diferente. Inquieto e nervoso, comia e dormia cinema. Eu próprio me lembro de ter ouvido uns cem. Mas tinha um senso de crítica e uma vontade de perfeição impressionante. Toninho realizou, perto do III Festival JB, um filme que chegou a ser concluído. Trata-se de “Alto a la Agression”, que inicialmente chamou-se “Advento”. Ao mesmo tempo eu fazia “Kaput”, onde mais do que nunca, ficou registrado como é difícil em arte sugerir ao invés de discursar. Dez dias antes do Festival do JB encontrei Ramon na Praça Oito e ele me disse: “Vou fazer um filme”. Era “O Pêndulo”. Estes três últimos filmes já eram da fase sonora, pois os anteriores eram mudos. Música e alguns trechos falados sem sincronização, eis o som rudimentar do cinema capixaba.

“Alto a la Agression” revela o talento de um montador. Lembro-me que Ramon, e eu estávamos no Rio, no templo da festiva, o bar “Zepellin”, e enquanto tomávamos chope expressávamos nossa frustração. Tínhamos acabado de assistir o copião de “Kaput” e “Alto a la Agression” e nossa conclusão havia sido uma só: “Que merda...”. O filme de Toninho foi totalmente remontado, num apartamento em Copacabana, durante sete

noites seguidas, enquanto eu montava o negativo de “Kaput”. Saiu completamente diferente do roteiro. E logrou ser finalista do III Festival JB. Há realmente sequências muito bonitas, onde a montagem musical salvou a indecisão narrativa e a falta de recursos técnicos. Já “O Pêndulo”, em que pese a ingenuidade de certas tomadas já gastas, tem muita força em outras, e uma sequência verdadeiramente antológica no Britz Bar. Trechos da poesia de Carlos Chenier (que é o ator principal) acrescentaram ao poder de comunicação, o “gestus” brechtiano. A sequência final é uma fusão das pernas do poeta bêbado e de um aleijado, com a trilha sonora falando que “eu sempre serei marginal nas esquinas...”, etc. Entre essas produções, que foram as principais, Ramon havia realizado documentários, e Luiz Eduardo Lages, ator de “A Queda”, realizara o primeiro e único filme tropicalista capixaba: “Palladium”, uma ficção de dez minutos, mudo. Todas essas fitas foram exibidas num Festival de Cinema Amador, que Milton Henriques organizou, no Cine Jandaia, no final de 67.

#### Veia Partida

Durante o ano glorioso de 1967, quando o cinema amador capixaba passou de mudo a sonoro e triplicaram-se as produções, uma roda inteligente comia e dormia cinema. Tudo era esplêndido. No entanto, este ano nenhuma só produção foi realizada em Vitória. Em janeiro, Antônio Carlos Neves e Ramon Alvarado, além de alguns intérpretes, como Ruben Azeredo (“Kaput”), Silvia Cohen (“Alto a la Agression”) foram para o Rio. Lá, Toninho realizou com equipe capixaba, baseado em conto de Amylton de Almeida, o melhor filme de todos: “Veia Partida” conta em vinte e cinco minutos o conflito de um pai e um filho. Sua sequência final é belíssima. Morto afinal o pai, o filho sai para a rua, ao som de um canto

profano, e vai jogar “porrinha” com os amigos. Um fotograma fixo do rapaz rindo encerra o filme. A excelente fotografia de Ramon Alvarado (que fotografou quase todos os filmes capixabas) mereceu no IV Festival JB o prêmio máximo. Era a vitória lá fora do iniciador do cinema capixaba, que agora tem um contrato profissional a sua frente.

Hoje, não existe mais cinema amador em Vitória. Toninho agora está em Paris, Luiz Lages em Estocolmo, Ramon no Rio, Rubinho Azeredo, Guga Cohen, Zélia Stein, todos partiram em busca de uma cidade melhor. É claro, dizem para os que ficaram: façam filmes, montem peças, lutem. Mas como? Não há câmaras, nem filmes virgens. Nem palcos, nem nada. Não há mais fuzis nem balas para os últimos rebeldes.

. “Floresta da Tijuca, tema de filme”, O Globo, 2/12/86.